

A relevância da Duquela no império comercial português a partir das «*cartas de quitação de D. Manuel I*»

La place de Doukkala dans l'empire commercial portugais à partir des «*cartas de quitação de D. Manuel I*»

AHMED BOUCHARB, professeur émérite de l'Université Hassan II, Casablanca

Afonso de Albuquerque, vangloriando-se das suas façanhas nas guerras que conduzia contra os comerciantes muçulmanos no Oceano Índico, comunicou a D. Manuel I que os egípcios haviam abandonado as cidades comerciais da Índia e que estas eram então apenas frequentadas por comerciantes «mouros de là, desas partes de çafim» e de outras cidades magrebina. Este testemunho, datado de 30 de Novembro de 1513, deve ser tomado em consideração. O seu autor, que conhecia bem Marrocos, não citava esta cidade marroquina sem motivo aparente, tanto mais que afirmava ter encontrado em Calecute alguns desses comerciantes magrebina. Albuquerque salienta, inclusive, que tinha questionado estes comerciantes acerca dos motivos que os tinham impulsionado a empreender uma viagem tão longa e a arriscar a sua vida e o seu dinheiro na travessia de regiões assoladas por guerras terrestres e marítimas¹.

Se estas deslocações aconteceram de facto foram certamente empreendidas antes da ocupação de Safim, em 1508, o que significa que esta cidade já estava integrada nos circuitos comerciais ligados às especiarias e às drogas asiáticas e que esses comerciantes tinham motivos prementes para se interessarem por uma região tão longínqua. Em todo o caso, consideramos que Albuquerque não mencionou por acaso Safim, em vez de Orão, Tremecém ou Tunes. Com efeito, uma documentação abundante indica que esta cidade se tornara, ainda antes do final do século XV, um importante centro de distribuição em Marrocos dos produtos expedidos da Ásia. João Lopes de Alvim, o feitor de D. Manuel I nessa cidade, numa carta datada de 25 de Dezembro de 1507, comunicou ao rei que a quantidade de goma-laca desembarcada seria ime-

Vantant ses exploits dans les guerres qu'il menait dans l'Océan Indien contre les commerçants musulmans, Afonso de Albuquerque annonça à D. Manuel I que les Égyptiens quittèrent les villes commerciales de l'Inde, et que celles-ci n'étaient plus fréquentées que par des commerçants «*mouros de là, desas partes de çafim*» [«*des Maures de là-bas, des côtés de Safi*»] et d'autres villes magrebina. Ce témoignage daté du 30 novembre 1513 est à prendre à la lettre. Son auteur, qui connaissait bien le Maroc, ne pouvait pas citer cette ville marocaine sans raison, d'autant plus qu'il affirme avoir rencontré quelques-uns de ces commerçants magrebina à Calicut. Il précise même qu'il leur avait demandé les raisons qui les poussèrent à entreprendre un si long voyage, et à risquer leur vie et leur argent en traversant des régions connaissant des guerres terrestres et maritimes¹.

Si ces déplacements eurent effectivement lieu, ils furent certainement entrepris avant l'occupation de la ville en 1508, ce qui signifie que la ville était déjà intégrée dans les circuits commerciaux liés aux épices et aux drogues asiatiques, et que ses commerçants avaient des mobiles pressants pour s'intéresser à une région si lointaine. Quoi qu'il en soit, nous pensons qu'Afonso de Albuquerque n'a pas placé sans raison Safi avant Oran, Tlemcen et Tunis. En effet, une documentation abondante montre que cette ville était devenue, dès avant la fin du XV^e siècle, un centre principal de distribution au Maroc des produits acheminés d'Asie. João Lopes de Alvim, le représentant commercial de D. Manuel dans cette ville (*feitor*) lui annonça, dans une lettre datée du 25 décembre 1507, que la quantité de gomme-laque débarquée sera immédiatement envoyée à Marrakech «*numa cafylla... que aqui esta*» [«*dans un caravansérail qui se trouve ici*»].

1. Raymundo António de Bulhão Pato, *Cartas de Affonso de Albuquerque, seguidas de documentos que as elucidam*, I, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1898, p. 126.

1. Raymundo António de Bulhão Pato, *Cartas de Affonso de Albuquerque, seguidas de documentos que as elucidam*, I, Lisbonne, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1898, p. 126.

diatamente enviada para Marraquexe «numa cafylla... que aqui esta». Informou-o, igualmente, acerca do desapontamento dos comerciantes que esperavam fornecimentos mais avultados, dado que a cidade conseguia distribuir todas as quantidades trazidas da Índia. O feitor solicitou, inclusivamente, que se restringisse a oferta dessa mercadoria unicamente em Safim, que se tornara capaz de distribuir por todo o país a laca desembarcada: «porque nam pode vyr tamto da India que sse mays aqui nam gaste e com mais proveito de V.A que em outras partes». Do mesmo modo, pediu para «mandar que nam sse vendesse allaqre nenhum, sse nam que todo vyesse a este cydade, pera que de todas partes ho vyessem aqui buscar»².

Safim não se contentava com este papel. O desenvolvimento do comércio que os portugueses haviam estabelecido nas feitorias abertas na África Negra dependia directamente da capacidade desta cidade para garantir as mercadorias propostas em troca do ouro e dos escravos. Na carta acima mencionada, o mesmo feitor informou D. Manuel I que tinha ordenado o fabrico de «llambeys que V. A. quer que aquy se façam e a mym me parece, senhor, que V. A. pode d'aquy fornecer todo o trauto da Mina e Arguym, e com mais proveito de V. A.»³. Este representante comercial, que conhecia bem o mercado de Safim, é categórico: a cidade podia, em exclusividade, prover todas as necessidades deste comércio. Esta ligação entre o comércio da Guiné e os tecidos de lã (designados «roupa de Arguim») comprados em Safim, como também em Azamor, é atestada pela literatura de viagem portuguesa⁴ e pela documentação abundante publicada por P. de Cenival⁵. Ora, para adquirir estes produtos necessários ao comércio da Guiné, os portugueses encaminhavam para Safim, além das especiarias e das drogas asiáticas, uma grande variedade de tecidos adquiridos na Flandres ou em Inglaterra. A aquisição destes tecidos para o porto de Safim interessava o próprio rei. Com efeito, o seu secretário pessoal comunicou-lhe, em Fevereiro de 1510, que «Vosalteza m'escpreveo que, do dinheiro da pimenta molhada que tem em Framdes, queria mamdar vyr d'Imgraterra huum milham de reais em panos, pera se venderem em çafy e Berberia»⁶. No seguimento, mencionou os tecidos mais procura-

Il l'informa aussi de la déception des marchands qui s'attendaient à des livraisons plus importantes, car la ville était capable de distribuer toutes les quantités apportées d'Inde. Il alla jusqu'à demander de limiter l'offre de cette marchandise uniquement à Safi, devenue capable de distribuer à travers le pays toute la laque débarquée : [« car on pourrait vendre ici toutes les quantités qu'on pourrait importer d'Inde, tout en garantissant à Votre Majesté les meilleurs profits que nulle part ailleurs »]. Aussi le pria-t-il de [« ordonner que l'on limite la vente de la gomme-laque à Safi exclusivement pour qu'on y vienne la chercher de partout »]². Safi ne se contentait pas de ce rôle. L'essor du commerce que les Portugais avaient instauré dans les comptoirs commerciaux ouverts en Afrique Noire dépendait directement de sa capacité de lui assurer les marchandises proposées contre l'or et les esclaves. Dans la lettre susmentionnée, le même feitor informa D. Manuel qu'il avait ordonné la fabrication des [« hanbels dont Votre Majesté a ordonné la confection ici, il me semble, que V.M. peut à partir d'ici couvrir tous les besoins du commerce de Lamina et Arguin, tout en assurant à votre Majesté les meilleurs profits de bénéfiques pour votre V. M. »]³. Ce représentant commercial, qui connaissait parfaitement le marché de Safi, est catégorique : la ville pouvait, à elle seule, subvenir à tous les besoins de ce commerce. Ce lien entre le commerce de Guinée et les tissus en laine (appelés *roupa de Arguim*) achetés à Safi – et à Azemmour – est confirmé par la littérature de voyage portugaise⁴, et par l'abondante documentation publiée par P. de Cenival⁵. Or pour acquérir ces produits nécessaires au commerce de Guinée, les Portugais exposaient à Safi, outre les épices et les drogues asiatiques, une grande variété de tissus acquis en Flandre ou en Angleterre. L'achat de ces tissus pour le port de Safi intéressait le roi en personne. Son secrétaire personnel l'informa en février 1510 que [« Votre altesse m'a écrit qu'avec l'argent du piment que vous avez en Flandres, vous vouliez faire venir d'Angleterre un million de réaux en tissus pour qu'ils soient vendus à Safi et en Berbérie »]⁶. Il mentionna ensuite les tissus les plus demandés à Safi et les quantités qui pourraient y être écoulées.

2. *Sources Inédites de l'Histoire du Maroc, Première Série, dynastie Sa'dienne*, tome I, Paris, Paul Geuthner, 1934, p. 147.

3. *Sources Inédites...* cit., vol. I, p. 147.

4. Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, ed. Damião Peres, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988; P. de Cenival e Th. Monod, *Description de la Côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentin Fernandez, 1506-1507*, Paris, Librairie Larose, 1938.

5. Cf. *Sources Inédites...* cit.

6. *Sources Inédites...* cit., vol. I, pp. 223-224.

2. *Sources Inédites de l'Histoire du Maroc, Première Série, dynastie Sa'dienne*, tome I, Paris, Paul Geuthner, 1934, p. 147.

3. *Sources Inédites...* cit., vol. I, p. 147.

4. Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, éd. Damião Peres, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988; P. de Cenival et Th. Monod, *Description de la Côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentin Fernandez, 1506-1507*, Paris, Librairie Larose, 1938.

5. Cf. *Sources Inédites...* cit.

6. *Sources Inédites...* cit., vol. I, pp. 223-224.

dos em Safim e as quantidades que aí poderiam ser escoadas.

Acabámos de observar que Safim é mencionada, ainda antes da sua ocupação militar, como placa giratória do império comercial português e que estava solidamente integrada nos circuitos comerciais estabelecidos entre os três pilares deste império: Índia, Guiné e Flandres. Como se explica esta situação ímpar em Marrocos?

R. Ricard foi o primeiro a demonstrar que a região de Duquela, já bastante cobiçada por Portugal pela sua produção cerealífera e pelos seus cavalos, tornou-se ainda mais apetecível após a organização do comércio nas feitorias abertas, primeiro em Arguim e, depois, em Axem e na Mina⁷. Posteriormente, os estudos de V. M. Godinho confirmaram esta tese⁸. Demonstrámos, quanto a nós, a influência dessa importância comercial na política adoptada na região, de modo a desviar a cobiça estrangeira e de preservar as suas potencialidades económicas e comerciais⁹.

Tentaremos, nas páginas seguintes, determinar o nível de integração da região nos circuitos comerciais portugueses através da actividade dos seus dois portos principais, Safim e Azamor, baseando-nos nas «Cartas de quitação», documentos que consignam as somas de dinheiro, as mercadorias e os outros produtos que os representantes do rei receberam durante o seu serviço. Dezasseis desses documentos referentes ao reinado de D. Manuel I respeitam a Safim, para o período que decorre entre 1491 e 1522 (*sic*), enquanto outros seis concernem a cidade de Azamor, entre 1486 e 1519.

As «cartas de quitação» de Safim foram entregues a onze feitores, a dois almoxarifes, a um contador, a um vedor das obras e, finalmente, a um judeu encarregue da compra de «roupa d'Arguym», o que sugere uma clara superioridade da documentação de natureza comercial. Os seis documentos de Azamor encontram-se distribuídos por três «feitores», dois «almoxarifes» e um «contador». Estes documentos abrangem um período relativamente longo, englobando os períodos de protectorado sobre as duas cidades (até 1508, para Safim, e 1513, para Azamor) e uma parte do período da sua ocupação militar, até à morte de D. Manuel I, em 1521.

Sabe-se que estes documentos apenas consignam as mercadorias e os capitais do rei. Do mesmo modo, não

Nous venons de voir que Safi est citée, avant même son occupation militaire, comme plaque tournante dans l'empire commercial portugais, et qu'elle était fortement intégrée dans les circuits commerciaux établis entre les trois piliers de cet empire : l'Inde, la Guinée et la Flandre. Comment expliquer une telle situation unique au Maroc ?

R. Ricard fut le premier à démontrer que la région des Doukkala, déjà très convoitée par le Portugal pour sa production céréalière et ses chevaux, le devint davantage après l'organisation du commerce dans les comptoirs ouverts à Arguin d'abord, à Axim et à Mina ensuite⁷. Les travaux de V. M. Godinho⁸ confirmèrent plus tard cette thèse. Nous avons montré à notre tour l'influence de cette importance commerciale sur la politique adoptée dans la région afin d'en éloigner les convoitises étrangères et de préserver ses potentialités économiques et commerciales⁹.

Nous essayerons dans les pages qui suivent de déterminer le degré d'intégration de la région dans les circuits commerciaux portugais à travers l'activité de ses deux principaux ports, Safi et Azemmour, en nous basant sur les « *Cartas de quitação* », documents consignants les sommes d'argent, les marchandises et les autres produits que les représentants du roi reçurent durant leur service. Seize de ces documents se rapportent au règne de D. Manuel concernant Safi pour la période allant de 1491 à 1522 (*sic*), alors que six autres se rapportent à la ville d'Azemmour entre 1486 et 1519. Les « *cartas de quitação* » de Safi furent remises à onze *feitores*, à deux *almoxarifes*, à un *contador*, à un superviseur de travaux et enfin à un Juif chargé de l'achat de « *roupa d'Arguym* », ce qui laisse entrevoir une nette supériorité des documents à caractère commercial. Les six documents d'Azemmour sont répartis entre 3 *feitores*, 2 *almoxarifes* et un *contador*. Ces documents couvrent une période relativement longue, englobant les périodes de protectorat sur les deux villes (jusqu'en 1508 pour Safi, et 1513 pour Azemmour) et une partie de celle de leur occupation militaire, et ce, jusqu'à la mort de D. Manuel en 1521.

Il est connu que ces documents ne consignent que les marchandises et les capitaux du roi. Aussi, ne permettent-ils pas de suivre les opérations effectuées par les

7. Robert Ricard, «Le commerce de Berbérie et l'organisation économique de l'empire portugais aux XV^e et XVI^e siècles» in *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1955, pp. 81-107.

8. Cf. *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, vol. I, Lisboa, Arcádia, 1963.

9. Ahmed Boucharb, *Doukkala sous Domination Portugaise (Avant 1481-Octobre 1541)*, Casablanca, Dar Attakafa, 1984 (em árabe).

7. R. Ricard, «Le commerce de Berbérie et l'organisation économique de l'empire portugais aux XV^e et XVI^e siècles» in *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1955, pp. 81-107.

8. Cf. *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, vol. I, Lisbonne, Arcádia, 1963.

9. Ahmed Boucharb, *Doukkala sous Domination Portugaise (Avant 1481-Octobre 1541)*, Casablanca, Dar Attakafa, 1984 (em árabe).

permitted seguir as operações realizadas pelos comerciantes que trabalhavam por conta própria, o que nos impede de ter uma visão global das trocas comerciais nos dois portos. No entanto, as operações realizadas em prol do rei eram a mais importantes, não apenas no plano quantitativo, mas também ao nível dos montantes envolvidos, visto que a Coroa monopolizava a compra e venda dos produtos que se transacionavam mais rapidamente e que garantiam os maiores lucros. Assim, o rei era, simultaneamente, o principal comprador de trigo e de tecidos de lã, o único importador de produtos asiáticos e o principal negociante de tecidos europeus em Safim e em Azamor.

Antes de comentar os valores contidos nesses documentos e de formular determinadas observações, relativamente à natureza das relações que ligavam a região a Portugal, vamos apresentar as quantidades de mercadorias de maior interesse para o rei de Portugal.

Sabemos que Duquela foi, em conjunto com a vizinha Enxovia, uma das regiões onde habitualmente os portugueses se abasteciam de trigo, com vista a colmatar o défice crónico da produção nacional. A necessidade de garantir esta produção foi uma das causas que impulsionaram Portugal a impor um protectorado na zona, antes de ocupar militarmente as suas cidades principais. As cartas de quitação de Safim mencionam as seguintes quantidades de trigo:

Doc. 1	Doc. 7	Doc. 8	Doc. 9	Doc. 10	Doc. 11	Doc. 13
07/1491-06/1495	1508-1511	06/1510-07/1512	03/03/1515-02/1516	10/1513-06/1519	07/1516-08/1519	08/1517-03/1521
45 moios/muids	1539 moios/muids	762 moios/muids	1636 moios/muids	6201 moios/muids	91 moios/muids	2636 moios/muids
	31 alqueires/boisseaux	34,5 alqueires/boisseaux	34,5 alqueires/boisseaux	14 alqueires/boisseaux	30 alqueires/boisseaux	34 alqueires/boisseaux

As quantidades de cevada foram menores do que as de trigo: 6836 moios e 15 alqueires, distribuídos da seguinte forma:

Doc. 1	Doc. 7	Doc. 8	Doc. 9	Doc. 10	Doc. 14
	1508-1511				09/1519-07/1522
5 moios	700 moios/muids 13 alqueires/boisseaux	230 moios/muids 35 alqueires/boisseaux	120 moios/muids 12 alqueires/boisseaux	4991 moios/muids 15 alqueires/boisseaux	789 moios/muids 30 alqueires/boisseaux

Estes documentos só consignam as quantidades de cereais enviadas pelo rei e aquelas adquiridas sob a sua ordem, o que não reflecte a evolução da oferta e da procura em ambas as cidades. Com efeito, sabemos que os comerciantes portugueses pagavam um imposto de 10% para poder comprar trigo em Safim¹⁰ e que foram, a partir de Março de 1514, forçados a pagar cem reais

10. *Sources Inédites...* cit., I, p. 311.

commerçants travaillant pour leurs propres comptes, ce qui nous empêche d'avoir une vision globale des échanges commerciaux dans les deux ports. Cependant, les opérations réalisées au profit du roi étaient les plus importantes, non seulement sur le plan quantitatif, mais aussi au niveau des sommes engagées, du moment que la couronne monopolisait l'achat et la vente des produits qui se vendaient le plus rapidement, et qui garantissaient les meilleurs profits. C'est ainsi que le roi était à la fois le principal acquéreur de blé et de tissus en laine, l'unique importateur de produits asiatiques, et le principal marchand de tissus européens à Safi et à Azemmour.

Avant de commenter les chiffres contenus dans ces documents et de formuler certaines remarques concernant les types de rapports ayant lié la région au Portugal, nous allons d'abord présenter les quantités des marchandises ayant le plus intéressé le roi de Portugal.

Nous savons que la région des Doukkala fut, avec la Chaouia voisine, une des régions où les Portugais avaient l'habitude de s'approvisionner en blé afin de combler le déficit chronique de la production nationale. Le besoin de se garantir la production de cette denrée fut une des causes qui poussèrent le Portugal à lui imposer un protectorat avant d'occuper militairement ses principales villes. Les «*cartas de quitação*» de Safi mentionnent les quantités de blé suivantes :

Les quantités d'orge furent moindres que le blé : 6836 muids et 15 boisseaux répartis comme suit :

Ces documents ne consignent que les quantités de céréales envoyées par le roi et celles achetées sur sa demande, ce qui ne reflète pas l'évolution de l'offre et de la demande dans les deux villes. En effet, nous savons que les commerçants portugais payaient une taxe de 10% pour pouvoir acheter du blé à Safi¹⁰ et qu'ils furent, à partir de mars 1514, contraints de

10. *Sources Inédites...* cit., I, p. 311.

por cada moio de trigo comprado e cinquenta para a cevada. Os comerciantes estrangeiros deviam pagar o dobro¹¹. Esta medida visava, certamente, desencorajar estes comerciantes e diminuir a concorrência que estes faziam aos representantes do rei.

Do mesmo modo, estes documentos nem sempre especificam a origem das quantidades consignadas. Logo, seria indispensável acompanhar a evolução político-militar da região para sabermos se se tratava de importação ou exportação. No entanto, a origem dos 700 moios, 13 alqueires de cevada e dos 1539 moios, 31 alqueires de trigo, recebidos pelo «almoxarife» Bastião Lopes (Agosto de 1508 – Janeiro de 1511), é registada de modo detalhado. Uma parte importante era importada para prover as necessidades da praça de Safim, que havia sido recentemente ocupada e que, conseqüentemente, vivia em estado de guerra com as tribos da região até ao fracasso do grande cerco, em Dezembro de 1510. A lista contendo os nomes das pessoas e serviços intervenientes incide sobre um dos aspectos da burocracia portuguesa.

Estes documentos não reflectem a realidade do grau de sangramento da região. Para termos uma ideia acerca das quantidades drenadas da região é necessário recorrer aos registos de impostos¹² e a algumas crónicas portuguesas¹³. Estes documentos não mencionam a compra de trigo em Azamor e Mazagão. A ausência de uma referência à compra desta mercadoria, ainda que as duas cidades estivessem rodeadas (o caso de Bulauão, por exemplo) ou próximas de regiões cerealíferas muito ricas (Enxovia), deve-se certamente ao facto desta missão ser confiada aos judeus ricos de Safim¹⁴.

No que diz respeito às moedas, as cartas mencionam o real português e a dobra local de Safim e Azamor. A presença desta última corresponde ao período de protectorado português sobre as duas cidades. Os montantes incluídos nos registos dos representantes do rei, em Safim, são os seguintes:

s'acquitter de cent réaux pour chaque muid de blé acheté et de cinquante pour l'orge. Les commerçants étrangers devaient payer le double¹¹. Cette disposition visait certainement à décourager ces commerçants et à réduire la concurrence qu'ils faisaient aux représentants du roi.

De même, ces documents ne précisent pas toujours l'origine des quantités consignées. Il faudrait alors suivre l'évolution politico-militaire de la région pour savoir s'il s'agissait d'importation ou d'exportation. Cependant, l'origine des 700 muids, 13 boisseaux d'orge et des 1539 muids, 31 boisseaux de blé reçus par l'*almoxarife* Bastião Lopes (août 1508 – janvier 1511) est consignée dans le détail. Une part importante était importée pour subvenir aux besoins de la place de Safi qui venait d'être occupée, et qui, de ce fait, vivait en état de guerre avec les tribus de la région jusqu'à l'échec du grand siège de décembre 1510. La liste des noms des personnes et des services intervenants reflète un des aspects de la bureaucratie portugaise.

Ces documents ne reflètent pas la réalité du degré de saignement de la région. Pour se faire une idée sur les quantités drainées de la région, il faut recourir aux registres d'impôts¹² et à certaines chroniques portugaises¹³. Ces documents ne mentionnent pas d'achat de blé à Azemmour et à Mazagan. L'absence d'allusion à l'achat de cette denrée, même si les deux villes étaient entourées (cas de Boulaouane par exemple) ou proches de régions céréalières très riches (Chaouia), est certainement due au fait que cette mission était confiée aux riches juifs de Safi¹⁴.

En ce qui concerne les monnaies, les *cartas* mentionnent le *real* portugais et la *dobra* locale de Safi et d'Azemmour. La présence de cette dernière correspond au protectorat portugais sur les deux villes. Les quantités contenues dans les registres des représentants du roi à Safi se présentent comme suit :

11. *Sources Inédites...* cit., I, p. 500, nota 1.

12. ANTT, *Núcleo Antigo*, doc. n.º 869. «Livro dos tributos reais com que os mouros e alarves da cidade de Medina, toda a Duquela e a terra de Xiatima com seus castelos», transcrição de Rui Henriques, publicada no 2.º volume desta obra.

13. Damião de Góis, *Chronica do Felicíssimo rei Dom Emanuel*, parte III, cap. 14.

14. José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, *Os Judeus na Expansão Portuguesa em Marrocos Durante o Século XVI*, Braga, APPACDM Distrital de Braga, 1997, pp. 210, 274-279.

11. *Sources Inédites...* cit., I, p. 500, note 1.

12. ANTT, *Núcleo Antigo*, doc. n.º 869. «Livro dos tributos reais com que os mouros e alarves da cidade de Medina, toda a Duquela e a terra de Xiatima com seus castelos», transcrição de Rui Henriques, publicada no 2.º volume de cet ouvrage.

13. Damião de Góis, *Chronica do Felicíssimo rei Dom Emanuel*, partie III, chap. 14.

14. José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, *Os Judeus na Expansão Portuguesa em Marrocos Durante o Século XVI*, Braga, APPACDM Distrital de Braga, 1997, pp. 210, 274-279.

Cartas de quitação	Moeda portuguesa / Monnaie portugaise	Moeda local / Monnaie locale	Prata / Argent
Doc. 1	814 250 reais	206 794 dobras	1395 marcos / marks 5,5 oitavas / huitièmes
Doc. 2 (08/1495-02/1498)		907 377 dobras, 1/8	213 marcos / marks 6 onças / onces 6 oitavas / huitièmes
Doc. 3 (1501)	1 212 000 reais		947 marcos / marks 7 onças / onces + 1/8
Doc. 4 (02/1498-09/1500)		79 886 dobras 2 1/8	20 marcos / marks
Doc. 5 (12/1504)	716 871 reais		217 marcos / marks 1/2 onça / once 18 grãos / grains
Doc. 6	5 490 654 reais		
Doc. 7 (1508-1511)	786 530 reais		748 marcos / marks 2 onças / onces
Doc. 8	856 660 reais		
Doc. 9	870 176 reais		
Doc. 10	9 317 199 reais		
Doc. 11	17 381 494 reais		
Doc. 12 (09/1517-08/1518)	11 848 684 reais		
Doc. 13	10 288 reais		
Doc. 14	5 689 143 reais		
Doc. 15 datado de / daté de 26/06/1524	5 888 608 reais		
Doc. 16 (03/1508-01/1513)	5 084 364 reais		
Total	76 244 840 reais	1 084 057 dobras	3 540 marcos / marks 15,5 onças / onces

Estas cartas não mencionam ouro, ainda que este tenha continuado a chegar, no mínimo até 1526, a Safim¹⁵. Os representantes do rei receberam, em Azamor, os seguintes montantes:

Ces quittances ne mentionnent pas d'or malgré qu'il ait continué, jusqu'en 1526 au moins, à arriver à Safi¹⁵. Les représentants du roi reçurent à Azemmour les sommes suivantes :

Doc. 1	Doc. 2	Doc. 3	Doc. 4
07/1486 - 02/1501	1509-1510	01/1514 - 03/1517	10/1515 - 10/1517
89 920 dobras	101 924 dobras	11 931 734 reais	5 416 947 reais

Como esperado, a utilização da moeda local cessou após a ocupação de Safim, em 1508. Os problemas crónicos de tesouraria em Portugal reflectiram-se nos montantes registados nestes documentos. O Estado continuava a não enviar os montantes solicitados pelos seus representantes. Do mesmo modo, estes não cessavam de reclamar. O «contador» Nuno de Gato informou o rei que estava muito endividado e que já não se atrevia a sair da sua casa¹⁶. Para mitigar este problema o rei enviava mercadorias cujo preço de venda permitia comprar as quantidades pretendidas. Para o pagamento dos salários e o resgate de cativos

Comme il fallait s'y attendre, l'utilisation de la monnaie locale cessa après l'occupation de Safi en 1508. Les problèmes chroniques de trésorerie au Portugal se répercutèrent sur les sommes consignées dans ces documents. L'État n'envoyait pas toujours les sommes demandées par ses représentants. Aussi, n'avaient-ils pas cessé de se plaindre. Le *contador* Nuno de Gato annonça au roi qu'il était très endetté, et qu'il n'osait plus sortir de chez lui¹⁶. Pour pallier ce problème, le roi envoyait des marchandises dont le prix de vente permettait d'acheter les quantités voulues. Pour le paiement des soldes et le rachat des captifs, on procédait

15. *Sources Inédites...* cit., II, p. 378.

16. *Sources Inédites...* cit., I, p. 300.

15. *Sources Inédites...* cit., II, p. 378.

16. *Sources Inédites...* cit., I, p. 300.

procedia-se do mesmo modo. O rei encarregava igualmente judeus, dispondo de capitais suficientes, da compra de determinadas mercadorias.

Uma parte dos montantes monetários consignados nesses documentos provinha de receitas locais: venda de mercadorias, de casas, de cavalos, de impostos, etc. A aduana de Safim proporcionou as seguintes receitas:

Doc. 8	Doc. 9	Doc. 10	Doc. 11	Doc. 13	Doc. 14
1510-1512	03/03/1515 - fin 02/1516	10/1513 - fin 06/1519	07/1516-08/1519	08/1517 -03/1521	09/1519 -07/1522
568 416 reais	2 247 444 reais	457 946 reais (1518) 165 000 reais (1520)	3 214 713 reais (1516, 1517, 1518, 11/02/1519-23/08/1519)	112 000 reais	1 574 519 reais

Uma outra parte destes montantes era enviada por altos funcionários, como os tesoureiros do Reino. Tal era efectuado em caso de dificuldade de abastecimento ou de revolta de tribos, etc. O destinatário era, neste caso, o almoxarife da cidade. As «casa da Índia» e «casa da Mina» enviavam, igualmente, somas de dinheiro para a compra de mercadorias locais necessárias às suas actividades comerciais. Outros montantes eram ainda enviados pela «Santa Cruzada» ou por responsáveis eclesiásticos para o funcionamento e manutenção das igrejas.

Além do trigo e do dinheiro, estes documentos informam-nos acerca das mercadorias que o rei enviava aos seus representantes, em Safim e em Azamor, e acerca daquelas que estes representantes compravam sob as suas ordens. Os tecidos ocupavam um lugar de destaque, entre essas mercadorias. Eram de dois tipos: ou locais ou importados.

Os tecidos de lã marroquinos alimentavam o comércio português nas feitorias abertas na África Negra («roupa de Arguim»), nomeadamente os famosos *hanbels* (lambéis) e *haiks* (alquicés). Eram adquiridos pelos representantes do rei de Portugal ou produzidos segundo os modelos que este lhes enviava. Apesar da conhecida importância destes tecidos para o comércio português na África Negra, os documentos que nos interessam apenas registam quantidades insignificantes, que sofreram um declínio progressivo. É necessário recorrer a outros documentos portugueses para explicar esta situação. Este decréscimo é explicado pelo recurso à celebração de contratos com judeus ricos de Safim, dispondo da liquidez necessária que os representantes do rei não dispunham. Foi neste contexto que a produção e a compra de *haiks* e de *hanbels* ficaram a cargo, em primeiro lugar, do rabino Abrãao Benzamerro e, posteriormente, do seu irmão

de la même manière. Le roi chargeait aussi des Juifs disposant de capitaux suffisants d'acheter certaines marchandises.

Une partie des sommes d'argent consignées dans ces documents provenait de recettes locales : vente de marchandises, de maisons, de chevaux, taxes, etc. Les douanes de Safi permirent les recettes suivantes :

Une autre partie de ces sommes d'argent était envoyée par de hauts fonctionnaires comme le receveur général du royaume. Ils le faisaient en cas de difficulté d'approvisionnement ou de révolte de tribus, etc. Le destinataire était dans ce cas l'*almoxarife* de la ville. Les *casa da Índia* et *Casa da Mina* envoyaient, elles aussi, des sommes d'argent pour l'achat de marchandises locales nécessaires à leurs activités commerciales. D'autres sommes étaient encore envoyées par la « *Santa Cruzada* » ou par des responsables ecclésiastiques pour le fonctionnement et l'entretien des églises.

Outre le blé et l'argent, ces documents nous renseignent sur les marchandises que le roi envoyait à ses représentants à Safi et à Azemmour et sur celles que ceux-ci achetaient sur son ordre. Les tissus occupaient une place de choix parmi ces marchandises. Ils étaient de deux sortes, des tissus locaux et d'autres importés. Les tissus de laine marocains : ils alimentaient le commerce portugais dans les comptoirs ouverts en Afrique Noire (*roupa de Arguim*), et notamment les fameux *hanbels* (lambéis) et *haiks* (alquicés). Ils étaient achetés par les représentants du roi du Portugal ou produits selon les modèles que celui-ci leur envoyait. Malgré l'importance que nous connaissons de ces tissus pour le commerce portugais en Afrique Noire, les documents qui nous intéressent n'enregistrent que des quantités dérisoires qui connurent une baisse progressive. Il faut recourir à d'autres documents portugais pour expliquer cette situation. Cette régression s'explique par le recours à des contrats signés avec de riches Juifs de Safi disposant des liquidités nécessaires que les représentants du roi n'avaient pas. C'est ainsi que la production et l'achat des *haiks* et *hanbels* furent confiés au rabbin Abraham ben Zamirou, d'abord, et à son frère Juda ensuite. Celui-ci était associé avec un

Juda. Este último era sócio de um outro judeu, Maïr Lévi¹⁷. Aparentemente, as quantias que estes deviam adiantar eram insuficientes, visto que o feitor investiu, em Dezembro de 1512, 900000 reais na compra de «roupa pera Arguim»¹⁸. Os dois judeus que produziam os *hanbels* de acordo com os modelos enviados pelo rei recorreram, por vezes, à produção das regiões vizinhas. Foi neste contexto que Maïr Levi comprou, na região de Marraquexe, o equivalente a 300 onças de «roupa d'Arguym», apesar de já ter entregado ao feitor, durante o mesmo mês, 1000 *haïks* e 200 *hanbels*¹⁹. Um novo contrato foi celebrado, em 1519, com judeus que se comprometeram a fornecer, durante três anos, 9000 *haïks*, ou seja, 3000 por ano²⁰. Parece que estes judeus seriam membros da família Benzamerro, dado que a «carta de quitação» que abrange o período 1513-1519 assinala que eles monopolizavam a produção e a compra destes tecidos. Um contrato semelhante foi celebrado, por razões políticas evidentes, com o alcaide do Tadula, Amet Latar²¹. O quadro seguinte sintetiza as quantidades adquiridas em Safim:

Produto / Produit	Doc. 1	Doc. 2	Doc. 3	Doc. 4	Doc. 5	Doc. 6	Doc. 8	Doc. 13	Total
<i>Hanbels</i>	2 455	602	17	7 325	101	972	9 700	137	21 409
<i>Haïks</i>	7 477	8 265	9 781	3 273		293+900 000 reais		26 930	58 019
Jilabas / Jellabas	12 220	10 460	3 232					104	26 016
Albornozes / Burnus	1		19						20
Chapéus locais / Bonnets locaux		2 085	12 452	132			934		15 603

Os documentos relativos a Azamor assinalam quantidades irrisórias. A carta que diz respeito ao período entre Julho de 1486 e Fevereiro de 1501 menciona 115 «varas» de *haïks* e 20 *hanbels*. O documento que abrange o período entre Janeiro de 1514 e o final de Março de 1517 assinala, por seu lado, 430 *haïks*.

Quanto aos tecidos importados, estes permitiam ao rei pagar uma parte dos salários e de cobrir uma parte das suas compras. Rapidamente determinados tecidos tornaram-se uma espécie de moeda, com a qual se pagavam os salários. A importância que D. Manuel I concedia a estes tecidos é notória através dos exemplos que se seguem.

Além da ordem que enviou ao seu representante comercial na Flandres, no sentido de reservar uma parte das vendas da pimenta para a compra de tecidos

autre Juif, Maïr Lévi¹⁷. Il semble que les quantités qu'ils devaient avancer étaient insuffisantes puisque le *feitor* investit en décembre 1512 dans l'achat de «*roupa pera Arguim*» 900 000 réaux¹⁸. Les deux Juifs qui produisaient des *hanbels* selon les modèles envoyés par le roi recoururent parfois à la production des régions avoisinantes. C'est ainsi que Maïr Levi acheta dans le Haouz l'équivalent de 300 onces de «*roupa d'Arguym*», alors qu'il avait remis au *feitor*, au cours du même mois, 1000 *haïks* et 200 *hanbels*¹⁹. Un nouveau contrat fut signé, en 1519, avec des Juifs qui s'engagèrent à fournir durant trois années 9000 *haïks*, c'est-à-dire 3000 par an²⁰. Il semble que ces juifs soient membres de la famille Ben Zamirou car la «*carta de quitação*», couvrant la période 1513-1519, signale qu'ils monopolisaient la production et l'achat de ces tissus. Un contrat semblable fut signé pour des raisons politiques évidentes avec le caïd du Tadla, Ahmed al-Attar²¹. Le tableau suivant résume les quantités acquises à Safi :

Les documents relatifs à Azemmour ne signalent que de très faibles quantités. La quittance relative à la période allant de juillet 1486 à février 1501 mentionne 115 «*varas*» de *haïks* et 20 *hanbels*. Le document couvrant la période allant de janvier 1514 à la fin de mars 1517 signale, quant à lui, 430 *haïks*.

Les tissus importés permettaient au roi de payer une partie des salaires et de couvrir une partie de ses achats. Certains tissus devinrent rapidement une sorte de monnaie avec lesquels on payait les salaires. L'importance qu'accordait le D. Manuel à ces tissus apparaît à travers les deux exemples suivants.

Outre l'ordre qu'il envoya à son représentant commercial en Flandre de réserver une partie des ventes du poivre à l'achat de tissus anglais pour les marchés

17. *Sources Inédites...* cit., I, pp. 367, 653, 655-656.

18. *Sources Inédites...* cit., I, p. 367.

19. *Sources Inédites...* cit., I, p. 653. A carta enviada por este judeu a D. Manuel data de 14 de Novembro de 1514.

20. *Sources Inédites...* cit., II, p. 242, n.º 3.

21. *Sources Inédites...* cit., II, pp. 544-548.

17. *Sources Inédites...* cit., I, pp. 367, 653, 655-656.

18. *Sources Inédites...* cit., I, p. 367.

19. *Sources Inédites...* cit., I, p. 653. La lettre envoyée par ce juif à D. Manuel est datée du 14 novembre 1514.

20. *Sources Inédites...* cit., II, p. 242, n.º 3.

21. *Sources Inédites...* cit., II, pp. 544-548.

dos ingleses, para os mercados de «çafy e Berberia²²», solicitou, igualmente, aconselhamento junto de um comerciante, habituado a frequentar o mercado de Safim, sobre os tecidos mais procurados nesta cidade²³. Os bordates eram os tecidos mais cobiçados em Safim. Estes vendiam-se rapidamente e garantiam um lucro maior, visto tratar-se de um monopólio régio²⁴. Contudo, as quantidades apresentadas continuavam a ser insuficientes, o que levou o feitor a solicitar ao rei para que renunciasse ao monopólio desta mercadoria para evitar que os comerciantes fossem buscá-la aos portos de Salé e Meça²⁵. As «cartas de quitação» referentes a Safim indicam as seguintes quantidades:

Unidade / Unité	Doc. 1	Doc. 2	Doc. 3	Doc. 4	Doc. 8	Doc. 9	Doc. 11	Doc. 12	Doc. 15
Peças / Pièces	4 316	4 560	616	3 731	6 316	7 985	10 419	10 080	10 397
Varas		129							

As quantidades registadas na feitoria de Azamor foram inferiores.

Depois dos bordates, seguiam-se os tecidos ingleses, sendo o mais célebre e solicitado o «Antona», importado de Southampton. Os habitantes de Duquela apreciavam bastante os pintados a azul. Do mesmo modo, estes tecidos permitiam lucros que se aproximavam dos 100%²⁶.

As «cartas de quitação» assinalam, igualmente, a importação de diferentes especiarias e drogas asiáticas em Safim. A venda de goma-laca, o principal destes produtos, constituía um monopólio do rei²⁷. Em Safim a procura era de tal forma relevante que alguns acreditavam que a cidade seria capaz de escoar todas as quantidades importadas da Índia²⁸. Além disso, o rei transformou-a numa «mercadoria-moeda», com a qual pagava os soldos e as suas compras em Safim.

O quadro seguinte sintetiza as quantidades de goma-laca importada para Safim:

Unidade / Unité	Doc. 1	Doc. 2	Doc. 3	Doc. 4	Doc. 5	Doc. 6	Doc. 8	Doc. 9	Doc. 10	Doc. 11	Doc. 15
Quintais	26	2	34	19	140	96	272	368	4,5	574	128
Arrobas	33		3	3	3	1	1				
Arráteis	1	9	17	19				2		4	3

22. *Sources Inédites...* cit., I, p. 224; cf. também p. 333.

23. *Sources Inédites...* cit., I, pp. 224 e 333.

24. «porque esta he a principall mercadoria d'esta terra». *Sources Inédites...* cit., I, p. 332.

25. *Sources Inédites...* cit., I, p. 368.

26. *Sources Inédites...* cit., I, pp. 224-225.

27. *Sources Inédites...* cit., I, p. 366.

28. *Sources Inédites...* cit., I, p. 147.

de «çafy e Berberia²²», il demanda conseil à un commerçant habitué à fréquenter le marché de Safi sur les tissus les plus demandés dans cette ville²³.

Les bordats étaient les tissus les plus prisés à Safi. Ils se vendaient rapidement et garantissaient les meilleurs bénéfices, car c'était un monopole royal²⁴. Mais les quantités exposées étaient toujours insuffisantes, ce qui poussa le feitor à demander au roi d'abandonner le monopole de cette marchandise pour éviter que les marchands n'aillent la chercher dans les ports de Salé et de Massa²⁵. Les *cartas de quitação* relatives à Safi en consignent les quantités suivantes :

Les quantités enregistrées dans la feitoria d'Azemmour furent moindres.

Après les bordats venaient les tissus anglais dont le plus célèbre et le plus demandé était l'*Antona*, importé de Southampton. Les Doukkalis raffolaient de ceux peints en bleu. Aussi permettaient-ils des bénéfices approchant les 100%²⁶.

Les *cartas de quitação* signalent aussi l'importation à Safi de différentes épices et drogues asiatiques. La vente de la gomme-laque, qui en était la principale, était monopolisée par le roi²⁷. La demande était à Safi tellement importante que certains crurent qu'elle était capable d'écouler toutes les quantités importées d'Inde²⁸. Aussi, le roi en fit-il une « marchandise-devise » avec laquelle il payait les soldes et ses achats à Safi.

Le tableau suivant résume les quantités de gomme-laque importée à Safi :

22. *Sources Inédites...* cit., I, p. 224; cf. aussi p. 333.

23. *Sources Inédites...* cit., I, pp. 224 et 333.

24. «porque esta he a principall mercadoria d'esta terra». *Sources Inédites...* cit., I, p. 332.

25. *Sources Inédites...* cit., I, p. 368.

26. *Sources Inédites...* cit., I, pp. 224-225.

27. *Sources Inédites...* cit., I, p. 366.

28. *Sources Inédites...* cit., I, p. 147.

As mesmas cartas estabelecem, igualmente, as quantidades de especiarias desembarcadas no porto de Safim:

Les mêmes quittances consignent aussi les quantités d'épices débarquées dans le port de Safi :

Especiaria / Épice	Unidade / Unité	Doc. 1	Doc. 2	Doc. 4	Doc. 5	Doc. 6	Doc. 8	Doc. 9	Doc. 11	Doc. 12
Pimenta / Poivre	Quintais		1		1	4	6	30	39	82
	Arrobas					1,5				3
	Arráteis						22		26	
Malagueta / Malaguette	Quintais	10	8	7		4	4		4	
	Libras		1							
	Arrobas			1		22,5			1	
	Arráteis	27		24			20		20	
Cravo-da-índia / Clou de girofle	Quintais					5	7		7	
	Arrobas						1			
	Arráteis					29,5	5,5		21	

As quantidades de cravo-da-índia, de canela e de gengibre foram mínimas: 19 quintais para a primeira especiaria, 11 para a segunda e apenas 2 para a terceira.

Les quantités de clou de girofle, de cannelle et de gingembre furent minimes : 19 quintaux pour la première épice, 11 pour la seconde et 2 seulement pour la troisième.

A leitura desses documentos permite-nos tirar algumas conclusões.

La lecture de ces documents nous permet de tirer quelques conclusions.

Os portugueses assumiram em Marrocos o papel dos genoveses, catalães e franceses, continuando a apresentar os mesmos produtos que os ditos comerciantes já forneciam anteriormente. No entanto, os portugueses provocaram, através da conquista do norte do país, uma mudança no que diz respeito ao peso económico dos portos marroquinos. Foi desta forma que Safim e Azamor substituíram, nas últimas décadas do século XV, Ceuta e Arzila, integrando-se, ao mesmo tempo, no império comercial português e tornando-se um elemento incontornável do mesmo. Eram os portos da Duquela que forneciam as feitorias da África Negra, que colmatavam o défice de produção cerealífera de Portugal e que representavam um dos mercados relevantes para a goma-laca e para os tecidos. Os benefícios para Portugal deste desenvolvimento comercial em Safim não tardaram a aparecer. De acordo com o almoxarife de Safim, as vendas de mercadoria permitem-lhe pagar, até Dezembro de 1512, os soldos e as pensões e de responder às necessidades dos habitantes da cidade, o que se elevou a 600 000 reais por trimestre. Estas receitas ainda possibilitaram a corrupção dos notáveis das tribos, com 200 000 reais, e a entrega do montante de 700 000 reais ao contador da cidade para financiar os trabalhos de construção, ao mesmo tempo que consagrava outros 900 000 reais para a compra dos «tecidos de Arguim»²⁹.

Les Portugais se substituèrent au Maroc aux Génois, aux Catalans et aux Français, tout en continuant à exposer les mêmes produits que lesdits commerçants avaient l'habitude d'exposer. Ils ont cependant provoqué par la conquête du nord du pays un changement dans le poids économique des ports marocains. C'est ainsi que Safi et Azemmour se substituèrent lors des dernières décennies du XV^e siècle à Ceuta et Asilah, tout en s'intégrant dans l'empire commercial portugais et en y devenant un élément incontournable. C'étaient les ports de Doukkala qui fournissaient les comptoirs d'Afrique Noire, qui comblaient le déficit de la production céréalière du Portugal et qui représentaient un des marchés importants pour la gomme-laque et les tissus. Les bienfaits sur le Portugal de cet essor commercial de Safi ne tardèrent pas à apparaître. Selon l'*almoxarife* de Safi, les ventes de marchandises lui permirent jusqu'à décembre 1512 de payer les soldes et les pensions et de subvenir aux besoins des habitants de la ville, ce qui s'éleva à 600 000 réaux par trimestre. Ces mêmes recettes permirent de corrompre les notables des tribus avec 200 000 réaux et de remettre la somme 700 000 réaux au comptable de la ville pour financer les travaux de construction, tout en consacrant 900 000 autres réaux à l'achat des «tissus d'Arguin»²⁹.

29. *Sources Inédites...* cit., I, p. 367.

29. *Sources Inédites...* cit., I, p. 367.

No entanto, a integração da região nestes novos circuitos comerciais não foi espontânea, não resultou de uma evolução interna. Pelo contrário, foi uma das consequências do domínio político-militar português. Nestas condições, a região foi integrada em circuitos que não lhe eram vantajosos. Do mesmo modo, a região foi forçada a exportar, numa escala nunca antes vista, produtos de primeira necessidade e a receber, em contrapartida, produtos de luxo ou supérfluos. Como consequência, a Duquela, o celeiro de trigo do país, foi mais afectada do que as outras regiões marroquinas pela fome de 1521, que forçou dezenas de milhares de pessoas a rumar a Espanha ou a Portugal para escapar à morte. Neste contexto, a região foi forçada, após ter entregado os seus cereais e o seu gado, a vender as suas forças produtivas.

Os quadros precedentes permitem-nos entrever um período de desenvolvimento comercial, correspondendo à última década do século XV, que deu lugar, posteriormente, a um período de crise, que se prolongou durante a primeira década do século XVI, devido às guerras civis a que cidade assistiu antes da sua ocupação e do estado de guerra que se instalou contra as tribos vizinhas e que perdurou até ao malogro do cerco de Dezembro de 1510. Do mesmo modo, a cidade recebeu importantes quantias de dinheiro, quantidades de cereais relevantes, biscoito e vinho, armas e munições. O documento que abrange o período de 1513-1519 denuncia uma situação análoga após o falecimento do capitão Nuno Fernandes de Ataíde, em 1516. A análise destas cartas sugere que os períodos de expansão comercial em Safim foram limitados e de curta duração.

Estes mesmos documentos permitem discernir uma evolução bastante esclarecedora da oferta e da procura. No decurso do período que precedeu a ocupação de Safim, os portugueses forneciam uma grande variedade de produtos (cf. o caso dos tecidos, por exemplo). Compravam, igualmente, variados produtos locais, como o anil, a lã, as alcaparras, entre outros. Após a ocupação, deixaram de importar os produtos que se vendiam pouco e de comprar determinados produtos locais. A oferta dos produtos mais apreciados conheceu um incremento bastante acentuado, nomeadamente determinadas especiarias e drogas. Em relação à goma-laca, o aumento das quantidades indicadas na nona «quitação» foi de 2200%, quando comparada com a primeira. O mesmo se verificou em relação à pimenta, que aumentou, ao longo do mesmo período, 3900%. A oferta da malagueta aumentou 700%. Nenhum destes produtos era português.

Cependant l'intégration de la région dans ces nouveaux circuits commerciaux ne fut pas spontanée, n'a pas découlé d'une évolution interne. Elle fut au contraire une des conséquences de la domination politico-militaire portugaise. Dans ces conditions, la région fut intégrée dans des circuits qui n'étaient pas, dès le début, à son avantage. Aussi fut-elle obligée d'exporter, dans une échelle jamais atteinte, des produits de première nécessité et de recevoir en contrepartie des produits de luxe ou superflus. C'est ainsi que Doukkala, le grenier à blé du pays, souffrit plus que les autres régions marocaines de la famine de 1521 qui contraignit des dizaines de milliers de personnes à prendre le chemin de l'Espagne ou du Portugal pour échapper à la mort. C'est ainsi qu'elle fut obligée, après avoir livré ses céréales et son bétail, à vendre ses forces productrices.

Les précédents tableaux permettent de discerner une période d'essor commercial correspondant à la dernière décennie du XV^e siècle, qui fit place ensuite à une période de crise, qui s'étendit durant toute la première décennie du XVI^e siècle, à cause des guerres civiles que connut la ville avant son occupation et de l'état de guerre qui s'installa avec les tribus avoisinantes jusqu'à l'échec du siège de décembre 1510. Aussi, la ville reçut-elle d'importantes sommes d'argent, de grandes quantités de céréales, du biscuit et du vin, des armes et des munitions. Le document, couvrant la période 1513-1519, trahit pour Safi une situation analogue, suite à la mort du capitaine Nuno Fernandes de Ataíde en 1516. L'analyse de ces quittances permet d'affirmer que les périodes d'essor commercial à Safi furent limitées et de courte durée.

Ces mêmes documents permettent de discerner une évolution très nette de l'offre et de la demande. Au cours de la période précédant l'occupation de Safi, les Portugais exposaient une grande variété de produits (cf. le cas des tissus par exemple). Ils achetaient aussi divers produits locaux comme l'anil, la laine, les câpres, etc. Après l'occupation, ils cessèrent d'importer les produits se vendant mal et d'acheter certains produits locaux. L'offre des produits prisés connut un accroissement très net, notamment pour certaines épices et drogues. Pour la gomme-laque, l'accroissement des quantités consignées dans la neuvième quittance est de 2200% par rapport à la première. Il en fut de même pour le poivre qui connut au cours de la même période une augmentation de 3900%. L'offre de la malagueta augmenta de 700%. Aucun de ces produits n'était portugais.

Estes documentos não nos informam acerca de uma outra actividade comercial florescente em Safim e em Azamor: o comércio de cativos. Além dos raptos e das razias (aquando destas últimas, os cativos pertenciam aos portugueses³⁰, enquanto o saque era dividido entre os seus aliados, os «mouros das pazes»), os portugueses compraram, durante o ano de 1521, dezenas de milhares de habitantes famintos da Duquela. Bernardo Rodrigues, que viajou desde Arzila para aproveitar essa benesse, deixou-nos um testemunho intenso acerca desta deslocação maciça de jovens famintos para a Península Ibérica³¹.

O desequilíbrio das trocas entre Portugal e a região que nos interessa é denunciado pela natureza dos produtos trocados: enquanto esta última entregava produtos de primeira necessidade (cereais, gado, homens, tecidos de lã), era forçada a receber em contrapartida produtos de luxo, inclusivamente fúteis, como as pequenas quinquilharias de vidro, que são contabilizadas nas primeiras quitações em grãos e nas ulteriores em quintais. O quadro seguinte ilustra bem esta realidade:

Doc. 1	Doc. 2	Doc. 4	Doc. 5	Doc. 6	Doc. 8	Doc. 9	Doc. 11	Doc. 12
11 000 grãos	162 400 grãos	170 000 grãos	977 000 grãos	4 quintais 20 arrobas	16 quintais 22,5 arráteis	6 quintais 6,5 arráteis	17 quintais 2 arrobas 26 arráteis	222 976 reais de venda

Em suma, atendendo ao que foi acima exposto, podemos afirmar que Portugal lucrou consideravelmente com o domínio da região de Duquela: esta fornecia-lhe produtos agrícolas, permitia retirar lucros das feitorias abertas na África Negra e representava um mercado vasto para os produtos provenientes da Ásia e da Europa. A região adquiriu rapidamente um lugar de destaque no império comercial português. Safim tornou-se, ainda antes do final do século XV, um centro importante nas trocas comerciais estabelecidas entre os três pólos deste império comercial: Índia, Guiné e Flandres. Uma política diferente daquela adoptada nos presídios do norte foi então implementada, inicialmente em Safim e Azamor e, posteriormente, nas regiões vizinhas. No entanto, a partir do momento em que a região mergulhou numa grave crise económica, no início dos anos vinte, e que o contexto político-militar se alterou por completo, na mesma época, João III

30. O número dos cativos assinalados por Damião de Góis (*Crónica do Felícissimo...* cit.) e Luís de Sousa (*Annaes del-rei dom João Terceiro*) ultrapassa os 9200, embora esses autores não tenham indicado o número de cativos obtidos no seguimento das numerosas razias.

31. Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, ed. D. Lopes, tomo I, Coimbra, Academia das Ciências de Lisboa, 1915, pp. 326-329.

Ces documents ne nous renseignent pas sur une autre activité commerciale florissante à Safi et à Azemmour : le commerce des captifs. Outre les raptos et les razzias (lors des razzias, les captifs revenaient aux Portugais³⁰, alors que le butin était réparti entre leurs alliés, les «*mouros das pazes*» [Maures de paix]), les Portugais achetèrent durant l'année 1521 des dizaines de milliers de Doukkalis affamés. B. Rodrigues, qui se déplaça d'Asilah pour profiter de cette aubaine, nous laissa un témoignage saisissant sur ce déplacement massif de jeunes affamés vers la Péninsule ibérique³¹.

Le déséquilibre des échanges entre le Portugal et la région qui nous intéresse est trahi par la nature des produits échangés : alors qu'elle livrait des produits de première nécessité (céréales, bétail, hommes, tissus en laine), elle fut obligée de prendre en contrepartie des produits de luxe, voire même futiles. Les verroteries, qui sont comptabilisées dans les premières quittances par grains, sont consignées dans les quittances ultérieures en quintaux. Le tableau suivant illustre bien cette situation :

En fin, de ce qui précède, nous pouvons affirmer que le Portugal profita énormément du contrôle de la région des Doukkala : elle le fournissait en produits agricoles, lui permettait de tirer profit des comptoirs ouverts en Afrique Noire et représentait un vaste marché pour les produits drainés d'Asie et d'Europe. La région acquiert rapidement une place de choix dans l'empire commercial portugais. Safi devint, dès avant la fin du XV^e siècle, un centre important dans les échanges établis entre les trois pôles de cet empire commercial : l'Inde, la Guinée et les Flandres. Une politique, différente de celle adoptée dans les présides du nord, fut alors expérimentée à Safi et Azemmour d'abord, puis dans les régions environnantes. Mais, dès que la région sombra dans une grave crise économique au début des années vingt, et que les données politico-militaires y changèrent complètement à la même époque, João III pensa sérieusement à évacuer les deux cités qui ne l'inté-

30. Les nombres des captifs signalés par D. de Góis (*Crónica do Felícissimo...* cit.) et Luís de Sousa (*Annaes del-rei dom João Terceiro*) dépassent les 9 200, alors que ces auteurs n'ont pas indiqué le nombre des captifs obtenus à la suite de nombreuses razzias.

31. Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, éd. D. Lopes, tome I, Coimbra, Academia das Ciências de Lisboa, 1915, pp. 326-329.

ponderou seriamente evacuar as duas cidades, que só lhe interessavam pelo seu dinamismo comercial. Esta decisão foi sendo adiada até 1541, devido à gravidade de uma tal opção política e à oposição da nobreza que contribuiu, consideravelmente, para a ruína da região.

ressaient que par leur dynamisme commercial. Cette décision ne fut reportée jusqu'en 1541 que par la gravité d'un tel choix politique, et par la résistance de la noblesse qui contribua énormément à la ruine de la région.